

C-Bond fecha a 70,13 centavos

Tatiana Bautzer
de São Paulo

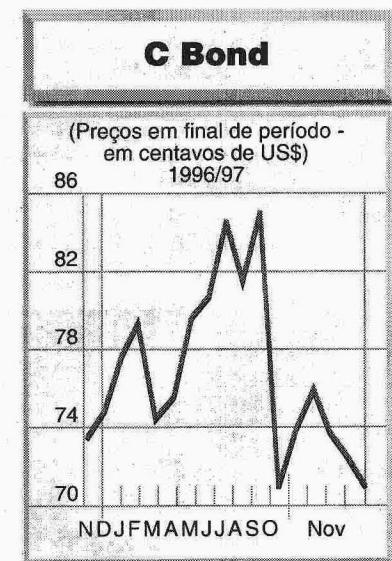
A sexta-feira foi mais um dia nervoso para o mercado de títulos da dívida externa latino-americana. O mercado aguardava com expectativa o anúncio de um pacote fiscal pelo governo, o que não aconteceu no último dia da semana passada e acabou decepcionando. Além disso, a forte queda das bolsas e renovadas preocupações com os mercados asiáticos afetaram os papéis. O C-Bond, papel brasileiro mais negociado, chegou a ser cotado a 65 centavos por dólar durante o dia, e acabou fechando a 70,13 centavos por dólar.

Como a volatilidade dos "bradies" está muito alta, o volume negociado vem caindo. Segundo estimativas da Lopez Léon, o mercado movimentou na semana passada uma média de US\$ 7 bilhões ao dia, incluindo títulos da dívida externa de todos os países emergentes, não apenas do Brasil. Na semana anterior, no auge da crise global que afetou bolsas e outros mercados, o volume negociado atingiu até US\$ 10 bilhões.

As fortes quedas dos preços dos papéis da dívida de países emergentes interromperam uma certa euforia em torno dos títulos da dívida que vinha sendo registrada desde o início do ano. As fortes altas das bolsas de valores que vinham sendo registradas no ano impulsionaram os preços dos papéis. No caso brasileiro, um outro fator foi determinante para a alta: a recompra de "brady bonds" lastreada pelo lançamento do bônus global de 30 anos. Em junho, o governo emitiu US\$ 3 bilhões em "global



Fonte: Lopez Leon Brokers S.A. e Centro de Informações da Gazeta Mercantil



Fonte: Lopez Leon Brokers S.A. e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

bonds" e comemorou a boa aceitação do mercado. Alguns dias antes da confirmação da recompra, as cotações dos "bradies" bateram recordes.

No cenário otimista de alguns meses atrás, a volatilidade dos papéis era muito baixa, o que acabou estimulando os bancos a montar grandes posições em "bradies". Como a compra de títulos da dívida externa é proibida para instituições brasileiras, alguns dos bancos compraram através de suas instituições no exterior. Como a tendência vinha sendo de alta, alguns dos bancos apostaram forte na valorização dos títulos da dívida externa brasileira, através de posições alavancadas.

No início da crise, muitas instituições acreditavam que os bônus bradies não seriam tão afetados. Mas a dimensão da crise pe-

gou o mercado de surpresa."A porta de saída foi menor do que se esperava", comenta um operador. O acionamento de mecanismos de limitações de perdas das instituições acabou intensificando a queda não só de preços de "bradies", mas também de outros ativos que tiveram que ser liquidados para cobrir prejuízos.

Depois do trauma da última semana de outubro, os bancos mudaram sua atitude, o que se reflete diretamente no volume negociado. Não só o volume diminuiu, mas agora todos evitam tomar grandes posições apostando na alta ou na baixa, porque a oscilação diária dos papéis da dívida tem sido correspondente à oscilação acumulada de vários meses – durante as últimas semanas, os C-Bonds têm oscilado até 20% em poucas horas de negociação.